Ano VIII — Lisboa, Maio de 1952 — N.º 85

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O Escotismo e as tendências do adolescente



Descobertas as tendências do jovem, o educador tem de procurar os meios apropriados para atingir o objectivo da sua missão, isto é, a eliminação de tudo o que seja pernicioso ao desabrochamento das virtudes.

Das tendências genéricas da juventude, podemos destacar o sentido da responsabilidade, o idealismo e o espírito gregário, como as mais importantes e que, quando bem conduzidas, constituem trunfos na modelação do carácter do jovem. O escotismo, de acordo com os ditames do seu fundador, tem uma resposta para cada uma das tendências juvenis, através da aplicação do seu método educativo.

O sentimento de responsabilidade faz com que o jovem se sinta lisonjeado quando vê depositarem confiança nele e procura, por todos os meios, corresponder ao crédito que nele depositaram. Guyau diz que «basta muitas vezes dizer ou insinuar às crianças e aos jovens que se lhes atribui esta ou aquela qualidade, para que eles se esforcem por justificar essa opinião».

No escotismo desenvolve-se da melhor maneira esse sentido de responsabilidade. Na patrulha todos têm o seu trabalho a fazer e todos sabem que o chefe confia no talento deles para o realizar. Baden-Powell diz que, se um chefe der verdadeiro poder ao seu guia de patrulha, se lhe der liberdade de acção para desempenhar o trabalho que lhe confiou, esse chefe contribuiu muito mais para o desabrochamento da personalidade desse rapaz que qualquer programa escolar até agora feito».

O Dr. José Neiva, a respeito do desenvolvimento da noção de responsabilidade no jovem, tem as seguintes palavras que, pela sua exactidão e por dizerem directamente respeito ao movimento escotista, não queremos deixar de reproduzir: «Que grandes meios podia extrair deste sentimento uma pedagogia do carácter! O adulto, fazendo lembrar com o seu procedimento contraditório que o jovem erra naturalmente, contribui mais para a deformação moral que para a constituição de uma consciência recta. É o caso da criança da anedota que pergunta à mãe se tem confiança nela, e, ante a resposta afirmativa, exclama: «Então porque pões o boião da marmelada tão alto?». «O Escotismo, — continua o articulista, — compreendeu o problema e adopta a atitude oposta. Em vez de fazer sentir ao jovem que, embora o negue, o julga capaz de faltar aos seus deveres, o chefe dá-lhe toda a confiança, mostra-se persuadido de que ele é incapaz de enganar ou mentir e manifesta esta persuação não hesitando em castigar ou recompensar, baseado sòmente na palavra do jovem».

A par do sentimento de responsabilidade, e porque se manifesta em grau não inferior, podemos colocar o idealismo juvenil. Os que conhecem o carácter dos adolescentes sabem bem que a pureza moral é uma das suas principais preocupações. Debesse afirma que a adolescência torna o jovem mais sensível ao desejo do bem. A moral apresenta-se-lhe como um compromisso total e não como uma enunciação de princípios; o dever como uma realidade concreta e não como abstracção filosófica.

No escotismo, este aspecto do problema educativo mereceu de B.-P. um cuidado especial. No seu livro «Scouting for Boys», dá-nos a saber qual o seu propósito neste sentido: «Uma das nossas ambições é a

(Conclui na 2.ª página)

TALENTOS

«Devias ter entregue o meu dinheiro aos «banqueiros». — Mateus, 25, 27

Na parábola, um dos servos escondeu na terra o dinheiro que o seu amo lhe havia entregue. Quando foi chamado a contas, entregou o dinheiro íntegro; porém foi duramente repreendido e castigado pelo patrão, porque não se lhe havia dado o dinheiro para conservá-lo senão para fazê-lo girar e aumentar.

Desta parábola se tomou a palavra talento e deu-se-lhe o significado de capacidade ou aptidão especial. Importantes sugestões ressaltam ao considerar o assunto.

O dinheiro representa algum trabalho que alguém fez, e é de valor sòmente quando é posto em movimento directamente, ou que sirva para garantir transacções feitas a crédito. Os bancos não recebem o dinheiro dos seus clientes para guardá-lo. Conservam nas suas caixas só o que pareça suficiente para não serem surpreendidos por algum pedido que não possam satisfazer.

De uma maneira parecida, as capacidades, as oportunidades, a vida mesmo, podem e devem ser produtivos, devem dar algum aumento. Ao receber algo, não aceitamos simplesmente o objecto em si, senão também o dever de o usar. Realmente nada temos que seja exclusivamente nosso para usá-lo ou tirá-lo ou gastá-lo infrutuosamente.

Como se transforma a vida ao contemplá-la deste ponto de vista! Não sòmente as capacidades intelectuais, sociais ou outras devem ser bem invertidas para produzir o maior rendimento possível, mas também o tempo, as amizades, as condições em que vivemos, tudo traz consigo a obrigação de ser empregado de modo que produza um bom rendimento. Por um lado esta ideia faz da vida uma carga pesada. O dever que assoma a cada momento pode converter-se num espectro que

(Conclui na 3.ª página)

A Inauguração do Grupo n.º 10 dos Escoteiros de Portugal

Na tarde do domingo 27 de Abril passado, foi inaugurado o grupo n.º 10 dos Escoteiros de Portugal, com uma luzida cerimónia em que estiveram representados quase todos os grupos de Lisboa, assim como o grupo 40, de Setúbal. A sessão solene efectuou-se no templo da Igreja Presbiteriana de Lisboa, cujo púlpito oferecia um aspecto imponente, com os escoteiros empunhando as bandeiras nacional e dos grupos representados.

Presidiu à cerimónia o pastor da Igreja, Sr. Dr. M. Conceição Jr., ladeado pelo Sr. Brotas Cardoso, que representava a Direcção da A. E. P. o Sr. Armando Lino, pelo grupo n.º 53 e pela comissão organizadora da União Evangélica de Escoteiros de Portugal, o Sr. Dr. Pedro Domingues dos Santos, representante da direcção da Juventude Evangélica Portuguesa, e o Sr. Eduardo Ribeiro, director do nosso jornal.

Depois de se haver entoado o hino «Minha Pátria para Cristo» e da oração invocatória, o Sr. Dr. Conceição Jr. tomou a palavra para manifestar o seu regozijo por ver aquela igreja albergar no seu seio uma unidade escotista. Declarou que nos Estados Unidos, onde permaneceu muito tempo, já havia tomado conhecimento com o movimento escotista, ao qual sempre dedicara grande simpatia. Terminou, agradecendo e enaltecendo o esforço dos dirigentes e escoteiros do grupo.

A seguir, o nosso director, Sr. Eduardo Ribeiro, proferiu uma interessante palestra dedicada aos pais dos escoteiros, em que fez algumas considerações sobre o escotismo e os seus objectivos, tendo sido escutado com muito interesse pelo vasto auditório que enchia o templo e dependências da igreja.

A menina Maria Alice Nunes, em nome dos jovens da igreja, fez entrega do estandarte ao grupo, por eles oferecido.

O Sr. Samuel Vieira, que foi escoteiro do grupo n.º 53 e actual chefe do novo grupo, ratificou, em seguida, perante o seu antigo chefe, Sr. Armando Lino, o seu compromisso de honra e apresentou ao pastor da igreja o voto de lealdade no desempenho das suas funções dentro do grupo. Leu, depois, a ordem de serviço n.º 1, finda a qual, num movimento de cativante solenidade, os primeiros dez aspirantes do novo grupo prestaram o compromisso de honra, tendo as suas madrinhas feito a oferta do chapéu. O novo chefe entregou-lhes também as varas e dirigiu-lhes palavras de incitamento. Os membros da mesa, por sua vez, colocaram as pescadinhas nos guias João de Sousa e Adelino Manuel Calado Gonçalves, e subguias José Eduardo Calado Gonçalves e José da Cunha Paiva, respectivamente das patrulhas «Bisão» e «Castor», e as meninas Sara Serra e Susana Brito ofereceram às patrulhas as bandeirolas, por elas artisticamente bordadas. O chefe do grupo distribuiu os escalpes aos escoteiros, que prometeram, nessa ocasião, lealdade aos seus guias.

Depois do escoteiro Adelino Gonçalves ter recitado uma poesia, o Sr. Samuel Vieira agradeceu a valiosíssima colaboração prestada pelos membros e departamentos da Igreja e, logo a seguir, o Sr. Jorge Brotas Cardoso, em nome dos Serviços Centrais da A.E.P., teve palavras de muito apreço para o novo grupo, terminando por apresentar votos de longa vida ao serviço do Escotismo. O Sr. Dr. Pedro Domingues dos Santos, usando da palavra, lembrou, como representante da Juventude Evangélica Portuguesa, que tinha sido uma das conclusões do II Congresso daquela colectividade, realizado no ano passado, a criação de grupos de escoteiros nas igrejas evangélicas. Congratulou-se por, em menos de um ano, haver já frutificado aquele trabalho. Referiu se, também, em termos muito elogiosos, ao escotismo, que já conhecia desde longa data.

O Sr. Armando Lino falou em seguida, e, a propósito do chefe do novo grupo, afirmou ter sido sempre Samuel Vieira um bom escoteiro e que confiava absolutamente na sua capacidade e nos seus dotes de carácter para levar a bom termo a missão de que foi incumbido. Por último, a encerrar a sessão, o pastor da igreja agradeceu a presença de todos naquela cerimónia e teve palavras de gratidão para os organizadores do grupo. Cantou-se então o hino «Grito de Guerra» que o grupo 10 adoptou para si, e a reunião terminou no meio do maior entusiasmo por parte de todos os presentes.

Foram lidos telegramas e ofícios de saudação dos Grupos 6 de Olhão, 15 do Porto, 91 de Gaia, e Mocidade da Igreja Presbiteriana do Montijo.

Entre a assistência destacavam-se os Srs. Amadeu Martins, tesoureiro geral da A. E. P., Rev. Carlos Augusto Vasconcelos, presidente do Grupo 94; Rev. J. Ormins-ton, escoteiro-chefe canadiano; e os Srs. Ferreira da Silva, Otelo H. Sousa, Mário Gonçalves, Capitolino Ferreira Macedo e João Gomes Alves respectivamente chefe dos grupos 1, 7, 85, 94 e 99 dos Escoteiros de Portugal.

Os escoteiros presentes formaram em frente da igreja e desfilaram até à Avenida Álvares Cabral, onde dispersaram.

O «Sempre Pronto» apresenta ao chefe e escoteiros do grupo n.º 10 os seus votos de vida longa e *boa caça*.

O Escotismo e as tendências do adolescente

(Conclusão da 1.ª página)

de fazer reviver entre nós algumas das regras a que obedeciam os cavaleiros de outrora. O nosso objectivo é mais o de ensinar aos rapazes a disciplinarem-se a eles próprios do que sermos nós a disciplinà-los a eles». Para atingir esta finalidade, a doutrina escotista patenteia aos seus rapazes uma mística que se encontra condensada no escoteiro-paradigma que é definido pela Lei do Escoteiro. Por essa lei e através do Compromisso de Honra que ele assume ao ser admitido como escoteiro, o rapaz toma o compromisso de fazer todo o possível por cumprir os seus deveres para com Deus e com a Pátria, para com os seus semelhantes e para consigo próprio. Doravante ele fica transformado no cavaleiro que está «Sempre Pronto» a defender os bons princípios, o próximo, a praticar diàriamente uma boa acção, a lutar contra as dificuldades, a ser leal e generoso, verdadeiro e respeitador, valente e sóbrio, empreendedor e económico, amigo dos animais e das plantas.

O espírito gregário dos jovens ou seja o sentimento de sociabilidade que começa a tomar forma no jovem para atingir toda a sua plenitude na idade adulta, faz com que os rapazes evidenciem uma acentuada propensão para se constituírem em pequenas comunidades.

Este sentimento revela-se muitas vezes na organização de sociedades secretas de jovens, como aquelas que existem na América e que são conhecidas pelo nome de «Gangs», cujas tendências são verdadeiramente criminosas. Esta vocação dos jovens, como já vimos acima, encontra completa satisfação no escotismo e é aproveitada com muitos benefícios pelo sistema de patrulhas. A patrulha, como convém, deve ter a sua insígnia, a sua divisa, o seu canto, a sua senha e deve também tomar o nome de um animal que a simbolizará, cujas virtudes procurarão imitar. Esse animal dará assim uma fisionomia própria à patrulha. A voz do animal poderá ser imitada para convocar os membros da patrulha para a reunião. A bandeirola, com o desenho do símbolo, distingue-a de todas outras patrulhas e os seus escoteiros ostentam num dos ombros as fitas correspondentes à cor do símbolo que escolheram

O sentido de comunidade dá azo a que desperte no rapaz o espírito de entre-ajuda, de generosidade, e a noção de honra e de dever.

Tem havido patrulhas que denunciam um carácter especial que as torna conhecidas, não só na sua cidade, como em todo o país. Em Espanha, por exemplo, o trabalho de patrulhas atingiu um bom grau de aperfeiçoamento. Todos os anos era disputado o prémio Phillipps. As patrulhas que logravam conquistar este trofeu adquiriam um prestígio tão grande que as tornava o orgulho do grupo a que pertenciam, porque os seus escoteiros eram obrigados a provas assaz difíceis de prestar. Calcule-se o estímulo que esses rapazes ganhavam quando conseguiam esse prémio e os frutos que daí advinham para a formação do seu carácter.

Outras manifestações psicológicas apresentam os rapazes no período da adolescência a que o escotismo dá cabal satisfação e desenvolvimento no bom sentido. Necessário se torna pois que as actividades escotistas se revistam daquele cunho prático e alegre, para que o adolescente se sinta de facto captado por tão interessante jogo. Para isso há que voltar ao escotismo puro de B.-P. e transformar o nosso movimento numa «alegre camaradagem do ar livre».

JOEL RIBEIRO

Não há felicidade onde não existe tranquilidade, e não há tranquilidade onde não existe Deus.

MASSILLON

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ESCOTEIROS DO BRASIL

Mantendo uma antiga tradição, os Escoteiros do Brasil realizam todos os anos, no mês de Abril, a sua «Semana Escoteira». A deste ano teve uma maior repercussão, pois tanto no Rio de Janeiro, como em todos os Estados do Brasil, as suas entidades escoteiras empenharam-se em prestar à mesma, o maior brilhantismo.

No Rio de Janeiro, foi iniciada a 19 de Abril passado, com um «Jogo da Cidade», disputado por patrulhas das suas associações escoteiras, que receberam uma «Carta de Prego» com vários problemas e indicações, que essas patrulhas deviam resolver, até chegarem ao ponto final, percorrendo as ruas da cidade.

No domingo, dia 20, de manhã, houve a Páscoa dos Escoteiros. A seguir, uma concentração escoteira no Campo de Santana, que teve a presença do Ministro da Educação e Saúde, Dr. Simões Filho; Prefeito do Rio de Janeiro, representante do Presidente da República e altas autoridades. De acordo com o programa, cada Associação Escoteira ou alcateia de Lobitos realizou uma demonstração escoteira, jogos, canções, sinalização, tendo uma realizado a Promessa de um novo escoteiro, terminando com uma escalada pelos escoteiros seniores.

Durante esta «Semana Escoteira», cujos outros dias foram ocupados por propaganda na rádio e na imprensa, além de outras actividades, realizou-se a «7.ª Assembleia Nacional Escoteira», poder máximo do Escotismo Brasileiro, constituída por representantes das Regiões Escoteiras dos Estados, Territórios e Distrito Federal, além dos membros do Conselho Nacional, Directoria Nacional e da «Ordem do Tapir de Prata». Esta Assembleia aprovou o Relatório e contas da Directoria anterior, apresentados em um volume de 52 páginas, impresso, e elegeu a nova Directoria Nacional, para o biénio de 1952-1954, que ficou assim constituída: Presidente, Victor C. Bouças; Vice-presidente, Dr. F. Floriano de Paula; Secretário Geral, João Fernandes Brito; Tesoureiro, José A. Silveira de Andrade Jr.; Secretário de Publicidade, Mauor V. Galliez; Comissário Nacional, Gelmirez de Melo.

No último domingo, dia 27, foi inaugurada oficialmente a Base Oeste-Rio, sede própria da U. E. B. para os Escoteiros do Mar, devidamente equipada com máquinas e aparelhos para o reparo e construção dos barcos para os Escoteiros do Mar.

Em todo o Brasil foram afixados, colocados nas vitrinas, distribuídos, Cartazes de Propaganda Escoteira mandados confeccionar para esta esta «Semana Escoteira». — *C.*

PUBLICAÇÕES

«A Acção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social em prol dos Leprosos Portugueses

A benemérita Liga Portuguesa de Profilaxia Social, continuando na senda que a si própria traçou, acaba de publicar o seu 11.º caderno cultural, que historia a sua acção humanitária em prol dos leprosos do nosso país. Ao contrário do que desprevenidamente se pode presumir, este opúsculo não é isento de interesse, porque foca um angustiante problema que só há bem poucos anos conseguiu uma solução eficaz.

Como se declara logo no princípio do livrinho, a grande extensão do morbo da lepra em Portugal, constituía uma verdadeira nódoa da carta nosológica da Europa. Esse facto levou a Liga a iniciar em 1929 uma intensa campanha com o objectivo de se prestar uma assistência aos infelizes atacados pela doença. E logo meteu ombros a essa empresa, promovendo conferências, publicando artigos em jornais, intercedendo por doentes em estado mais melindroso, fazendo representações junto das entidades oficiais, distribuindo subsídios e medicamentos pelos doentes, etc. etc., todo um programa digno dos maiores encómios, mas a que nem sempre foi prestada a devida justiça.

Na descrição de todos estes factos, o opúsculo refere-se em particular aos pioneiros da cruzada antileprosa, como o Dr. Álvaro Lapa, Dr. Uriel Salvador, Joaquim Silvério Vieira e ainda o Dr. Froilano de Melo, estoutro pela sua obra na India Portuguesa, assim como à Assistência aos Lázaros de Portugal e à Obra de Assistência aos Leprosos, instituições particulares com uma folha de serviços digna de enaltecer. A terminar, é dado justo relevo às excelentes instalações da Leprosaria Nacional, inauguradas em 1947, que o Governo mandou construir, utilizando o legado do benemerente Rovisco Pais.

Enfim, o livrinho agora publicado, além de ser uma justa homenagem aos denodados esforços dos obreiros desta campanha, é um repositório utilíssimo da história do movimento prò-leprosos, por neles se apontarem os factos e documentos mais importantes desta humanitária empresa.

• • o • •

FALTA DE PESO



—Que barbaridade! Como estou diminuindo de peso!...

Amanhã os negócios sérios

Esparta tinha-se apoderado da cidadela de Tebas por traição, e impusera aos tebanos, como governador, o tirano Archias. Este banira da cidade os principais cidadãos, entre os quais Pelópidas.

Refugiados estes em Atenas, resolveram libertar a pátria e concertaram-se com um dos seus compatriotas, inimigo secreto do tirano, que lhes ofereceu recebê-los em sua casa.

No dia marcado para a execução da conspiração, os conjurados penetraram em Tebas, graças a disfarce. Nesse mesmo dia, Archias foi convidado para cear em casa dum rico cidadão tebano, que, igualmente, fazia parte dos conspiradores.

Tudo estava pronto, e os conjurados esperavam apenas uma hora mais avançada para a execução do seu projecto, quando um correio enviado de Atenas, veio trazer a Archias uma carta contendo todas as particularidades da conspiração.

Admitido junto do tirano, entregou-lhe a missiva, convidando-o a ler sem demora, porque se tratava de *negócios sérios.*

Archias, dominado já pela embriaguês, pôs indolentemente a carta sob a sua almofada, exclamando:

— Amanhã os negócios sérios!

Alguns instantes depois, Pelópidas e outros conjurados, invadiram a sala do festim e massacraram o tirano.

Este acontecimento, que produziu a liberdade da Beócia, obteve uma grande celebridade na Grécia, e a frase — *amanhã os negócios sérios* — tornou-se um provérbio que os descuidados e os amigos da alegria pretendem tomar por divisa, e que melhor fora tomassem como lição.

Quantos não estão fazendo com os problemas mais importantes da vida, com a sua vida espiritual e as suas relações com Deus, o que Archias fez com o aviso que lhe podia ter evitado a morte?!

Seja a nossa divisa: *Hoje os negócios sérios, que amanhã pode ser tarde.*

TALENTOS

(Conclusão da 1.ª página)

assusta e persegue. Não devemos ser assim, antes, muito pelo contrário, devemos ver em tudo uma preciosa oportunidade de criar, de produzir. Não há maior prazer neste mundo do que ver que estamos correspondendo com as nossas obrigações e que não só fazemos bom uso de tudo, senão que tudo aumenta em valor e alarga o seu efeito.

JUAN HOWLAND

Pláticas de Asamblea
Casa Unida de Publicações — México

Maria Montessori

Com o falecimento na Holanda, em 6 do corrente, da Dr.ª Maria Montessori, desaparece uma das figuras mais eminentes da Pedagogia, alma apaixonada pela educação da criança, cuja vida foi um hino de dedicação e serviço.

Era italiana, nasceu em Roma, em Agosto de 1870, e foi a primeira mulher que tirou naquela capital o curso de Medicina e Ciências Naturais.

Exercendo as funções de auxiliar da clínica de psiquiatria, interessou-se pelas crianças anormais e criou um método de tratamento e educação, em bases científicas, da infância deficiente. Interessando-se cada vez mais pela criança, estudou a sua natureza, e verificou os sistemas educativos adoptados naquela época, em escolas que mais pareciam prisões, com uma disciplina férrea exercida por mestres de semblante duro, sempre dispostos a aplicar castigos, que constituíam autênticas torturas, resolveu adaptar às crianças normais os métodos de ensino que vinha aplicando às outras.

Nasceu assim o método Montessori com escolas alegres, cheias de flores e de luz, onde as crianças vivem felizes, libertas do medo, e onde a instrução é ministrada por sistemas agradáveis ao espírito da criança, exercitando as suas aptidões, ganhando experiência, aprendendo pelo contacto com as coisas, em substituição do martírio de decorar noções abstractas.

Montessori ensinou os seus métodos a muitos professores, escreveu «Antropologia pedagógica», «O método da pedagogia científica aplicada à educação da infância», «A auto-educação na escola elementar» e «A Criança», obras estas traduzidas em muitas línguas e largamente difundidas em todo o mundo. Escreveu artigos na imprensa, viajou, fez conferências, numa vida de apostolado inteiramente devotada à Criança e à sua educação.

O Escotismo tinha a simpatia de Maria Montessori. Baden-Powell, numa das suas obras, transcreve uma apreciação da grande educadora sobre o Escotismo.

Diz ele: — «Esta maneira de educar (o Escotismo) aproxima-se muito do sistema da Dr.ª Montessori. Tendo-se-lhe perguntado recentemente como devia ser aplicado o seu sistema a crianças de mais de seis ou sete anos, ela respondeu: Em Inglaterra tendes os escoteiros; a sua educação é a continuação natural daquela que eu dou ás crianças.»

Curvemo-nos respeitosos perante a memória de tão grande Mulher, cuja obra ficará como monumento glorioso a recordar uma vida de Beleza. Pestalozzi, Baden-Powell e Montessori são marcos luminosos na história da descoberta e educação da criança.

Conselhos aos campistas

Chegou o bom tempo; o tempo dos dias longos e das noites curtas. Os bosques estão verdes e cheios de pássaros, e as montanhas já perderam a neve que o inverno depositou sobre elas. O vento é suave, a temperatura agradável, e a chuva, que só de tarde em tarde aparece, não costuma ser duradoura. Tudo pois convida a acampar, a carregar com o nosso equipamento completo e marchar ao campo, a um belo rincão da Natureza, e plantar alí as nossas brancas tendas. A Natureza chama-nos a gritos e nós, Escoteiros, não podemos desatender essa chamada. Portanto, todo o país florescerá de acampamentos, como diz a canção:

«... puñado de hojas blancas
de flor del almendro,
bando de mariposas,
copos de nieve,
son mis amadas tiendas
del campamento.»

Porém, um acampamento de Escoteiros, seja pequeno ou seja grande, não é um acampamento qualquer, seja sequer porque um Escoteiro nunca faz as coisas a meias. Um acampamento de Escoteiros, no seu aspecto técnico, tem que ser perfeito. Dele encarregar-se-ão esses rapazes em cujas mangas das suas camisas brilha um diploma de Campista.

Mas, como pode suceder que na vossa Patrulha ou no vosso Grupo ainda não exista um especialista de acampamentos, quero dar-vos alguns conselhos que, talvez, possam ser úteis na hora de decidir onde haverei de plantar as vossas tendas de campanha. Não direi nada de novo aos que já tenham passado várias luas debaixo das brancas lonas, porém servirá para aqueles que agora estreiam o seu primeiro acampamento.

O lugar escolhido para o acampamento não basta que seja bonito, precisa ainda de reunir umas certas condições de salubridade, segurança e comodidade. Em casos verdadeiramente forçosos pode prescindir-se de algumas dessas condições, porém é muito melhor tê-las sempre em conta para chegar ao acampamento ideal.

A comodidade que precisa todo o acampamento escotista é: água para beber, cozinhar e para higiene (melhor ainda para banhar-se) a menos de 60 ou 70 metros do acampamento; árvores próximas que proporcionem sombra e lenha, possibilidade de adquirir víveres num raio máximo de 3 ou 4 quilómetros do lugar em que acampamos. Não plantar a tenda sobre formigueiros.

A segurança obtem-se evitando situar as tendas nas imediações de sebes, árvores ou agulhas rochosas isoladas, que podem atrair o raio. Nas praias que a maré alta invade. Nas ribeiras secas, porque se chove nas alturas converter-se-ão em rios. Nas cercanias de colmeias ou enxames livres. Nas encostas onde possam produzir-se aludes de neve ou desprendimento de pedras. E adoptando toda a classe de precauções, por exageradas que pareçam, para que o fogo da cozinha não possa produzir um incêndio no mato ou arvoredo que rodeie o acampamento

E a salubridade há que conseguí-la fugindo da humidade, dos pântanos e marismas, focos de febres; de escoadouros ou cursos de águas residuais. É necessário que as tendas assentem sobre um terreno seco, permeável, ligeiramente elevado ou em muito suave encosta, para facilitar a saída de águas em caso de chuva; que o acampamento seja batido pelo sol e ao abrigo dos ventos, e que o mato ou o bosque que rodeiam as tendas não seja excessivamente espesso.

Tudo isto é o que os campistas deverão ter em conta no momento de se decidirem a plantar as tendas. Encontrado esse lugar, aquele que reúna tais condições técnicas, o demais é muito simples para os Escoteiros. Levantar as tendas convenientemente armadas, organizar a cozinha, as fossas, as latrinas, o lavatório, o Fogo do Conselho, a mesa de jantar, e tudo aquilo que precisa um acampamento escotista, é um jogo para todo aquele que, pelo menos, seja um Escoteiro de 2.ª classe.

Depois... bom acampamento! e vamos a gozar intensamente a vida ao ar livre.

E. Genovés
Ojo de Lince

O «SEMPRE PRONTO»
vende-se na **Tabacaria Boa-Hora**
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

CAMPANHA PARA MAIS 100 ASSINATURAS

A nossa campanha prossegue. E apesar das novas assinaturas registadas não serem em tão grande número como nós desejaríamos, o certo é que avançamos para a centena graças à boa vontade de alguns amigos. E estamos certos de que vamos alcançar o alvo de 100 novas assinaturas porque ainda muitos amigos do «Sempre Pronto» não nos enviaram a sua adesão à campanha

Durante os últimos dias registámos mais as seguintes assinaturas:

Srs. Fernando José Gomes Leite, Cândido Augusto Curto, Francisco A. da Silva Neves, Dr. Eugénio Pais Ramos e Manuel Peres.

Por intermédio do nosso correspondente em Tomar, Sr. Fernando Santos, os Srs. Gumerzindo Cardoso Branco e Américo Caldeirinha D. Sousa. No último número errámos o nome do nosso amigo e novo assinante Sr. Francisco Félix de Sousa. Pedimos desculpa. A todos agradecemos reconhecidos.

No último número registámos 30 novas assinaturas. Com estas 7, somam agora 37 novas assinaturas.

Pedimos a todos os nossos amigos para nos indicarem mesmo o nome de possíveis assinantes. Basta um simples postal para a nossa Redacção ou um telefonema para os números

36607 ou 38849

Corresponda ao nosso apelo' forma simpática de colaborar na obra do «Sempre Pronto».

O JOGO NAS TABERNAS

O pernicioso jogo de azar é uma tendência da nossa época. Joga-se com frequência, não sòmente nos locais infelizmente separados para esse efeito, mas em muitos outros lados e, até, na via pública. Ainda não há muitos dias, em Lisboa e em plena Avenida D. Carlos, em volta de uma árvore, um grupo de rapazes esteve mais de duas horas absorvido na *batota*, sem que qualquer autoridade os incomodasse.

Contudo, a taberna é o ambiente próprio para tais actividades. É aí que se perdem quantias que levam a fome a muitos lares. Não estamos carregando as cores do quadro; é uma realidade flagrante, fácil de comprovar. São pequenos salários sacrificados ao vício, é o pão dos filhos, a renda da casa, a felicidade da família. Recentemente, uma destas tragédias teve o seu epílogo no Manicómio. Um pobre operário bebeu e jogou numa taberna de um dos bairros de Lisboa. Era domingo e ele tinha no bolso a verba indispensável para satisfazer um encargo inadiável. Jogou e perdeu. Regressou a casa embriagado e sem dinheiro. Durante a noite tomou consciência da sua situação e de manhã—tal foi a inquietação—estava louco. Quis matar a mulher, escavacou o mobiliário, alvoraçou a vizinhança, veio polícia e bombeiros, e, com o corpo dilacerado pelos vidros da sua casa, foi conduzido ao Hospital e mais tarde ao Manicómio, onde ainda se encontra em tratamento.

É este o resultado da tolerância perante os jogos praticados nas tabernas ou nos «bufetes», que são outras tantas tabernas disfarçadas, de certas sociedades de recreio.

Felizmente que postura recente proibiu alguns jogos nas tabernas. Honra seja feita às autoridades que tomaram tão prudente medida. Esperemos que a ordem seja fiscalizada, para o bom cumprimento da Lei.

Continuam, porém, a ser permitidos os jogos de futebol de mesa, que se vêem em quase todas as casas de bebidas, rodeados de mocidade, de rapazes que atraídos pelo jogo, que julgam inofensivo, vão arriscando uns copos de vinho, depois uns tostões, e iniciando assim insensìvelmente a tortuosa carreira dos dois vícios mais perniciosos, o álcool e o jogo, que tantas desgraças produzem e tão caro custam à nação, que tem de manter prisões, hospitais, manicómios, onde jazem tantas vítimas do álcool e do jogo. Tudo quanto for feito para combater o jogo merece o aplauso do País. Alegremo-nos, pois, pela recente postura que proíbe diversos jogos nos lugares públicos de venda de bebidas alcoólicas e esperemos confiados que a medida seja alargada pela proibição total do jogo, para que os humanitários intuitos dos poderes públicos sejam eficientemente alcançados.

• • o • •

O que melhor se ajusta à juventude é a modéstia, o pudor, o amor da temperança e a justiça. Tais são as virtudes que devem formar o carácter.

SÓCRATES

A LEI E A PROMESSA

Não percamos de vista, um só instante sequer, que o Escotismo é um grande e belo jogo, cujo objectivo fundamental é dar CARÁCTER ao rapaz. E a Lei e a Promessa são as grandes armas de que dispomos para essa grande batalha de todas as nossas reuniões e de todos os nossos encontros com os nossos escoteiros, na sede, no campo, e no mar. Devemos, pois, estar vigilantes para pôr sempre em relevo a honra e a coragem de dizer a verdade; a lealdade e a franqueza; a vigilância do espírito contra todas as tentações; o gosto de servir ao próximo, a generosidade, e a preocupação constante da boa acção diária; a fraternidade, que deve sempre existir, não só entre brancos e pretos, e ricos e pobres, de um mesmo grupo, mas, também, entre todos os grupos do nosso Brasil, e dos países e religiões mais diferentes, pois somos todos irmãos, em face da nossa Lei; o respeito e a delicadeza com todas as pessoas; a protecção dos animais e a defesa das plantas, uns e outros criados, como nós, pela mesma vontade divina; a obediência consciente e a disciplina interior; a alegria, o optimismo e a resignação; a economia previdente e a probidade escrupulosa; a moral que é a limpeza do espírito, e a higiene que é a limpeza do corpo, espírito e corpo criados por Deus, e, por isso mesmo, dignos de todo o nosso respeito, mesmo quando estamos sòzinhos.

Velemos, finalmente, pela boa compreensão da PROMESSA, e façamos, o máximo possível, para cada escoteiro ter uma religião e cumprir bem os deveres da mesma; para amar a sua Pátria e servi-la desde menino, tornando-se para isso um bom e perfeito cidadão, útil a si mesmo, aos seus, e à comunidade; e para todos vivermos fiéis à nossa Lei, esse maravilhoso Código de Honra, que devemos cumprir e respeitar, em todas as ocasiões, em nossos actos, e em nossas palavras.

GELMIREZ DE MELO
Comissário Nacional da União dos Escoteiros do Brasil

• • o • •

FIGUEIRA DA FOZ

GRUPO N.º 78

No dia 1 de Junho próximo, no salão social da Igreja Evangélica Figueirense, realiza-se a cerimónia oficial da reabertura deste Grupo.

O Escoteiro-Chefe Sr. Francisco A. das Neves será investido no seu cargo e prestarão Compromisso de Honra os novos escoteiros.

Durante o acto usarão da palavra o Sr. Rev. Dr. Francisco Cruz, Pastor da Igreja; os representantes da Associação dos Escoteiros de Portugal e da Comissão Organizadora da União Evangélica da mesma associação.

CINEMA

MELODIAS FANTÁSTICAS

A imaginação prodigiosa de Walt Disney acaba de nos oferecer mais uma deliciosa fantasia colorida. «Melodias Fantásticas» é uma série maravilhosa de 7 històriazinhas contadas com um engenho que deleita. O conjunto é completíssimo de verdade: o humorismo ingénuo de «O Rebocador Apitinho» casa-se perfeitamente com o pitoresco de «Pecos Bill», assim como «O Voo do Moscardo» e «Samba» têm o mesmo cunho de originalidade. Uma referência especial ainda para o encanto da poesia de «Árvores». A música é excelente.

«A Ilha das Focas», fita que completa o programa, pertence à magnífica série «Maravilhasda Natureza», que o mesmo realizador tem vindo a apresentar.—B.

• • o • •

PROVAS DE CLASSE

Em face dos Grupos, especialmente os mais modernos, lutarem com falta de literatura que os oriente nas provas de classe, o «Sempre Pronto» vai passar a publicar as provas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes, fazendo-o em forma de livro a fim de que os escoteiros possam constituir um pequeno volume, que poderá ser um útil manual escoteiro

Prevenimos, porém, desde já, que não tencionamos publicar coisas novas. Em matéria de provas de classe não há novidades. Limitar-nos-emos a copiar, tanto quanto possível, os antigos manuais «Para ser escoteiro» e «Sempre Pronto», no que se refere às provas de 3.ª e 2.ª classes. As de 1.ª classe servir-nos-emos dos manuais estrangeiros.

Quanto àqueles manuais portugueses não podemos deixar de afirmar que eles estavam relativamente bem feitos. Faremos algumas alterações para economizar espaço ou para suprir a falta de gravuras. Algumas provas necessitarão de ser actualizadas ou completadas. Num ou noutro ponto tentaremos melhorar a explicação, mas nada modificaremos sem vantagem, só pelo prazer de alterar o que está feito.

Agradecemos todas as sugestões que sobre esta nossa iniciativa nos sejam feitas.

• • o • •

LIVROS

À venda na Redacção do «Sempre Pronto»

O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, a obra do Fundador indispensável a todos os dirigentes escotistas ..... 11$00

Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas, edição brasileira ..... 4$00

Curso de Monitores, interessantes lições de um curso de guias de patrulha ..... 12$50

Como iniciar uma tropa escoteira. Explicação da maneira como iniciar um grupo de escoteiros..... 2$50

O Livro dos Lobinhos, de Baden-Powell ..... 12$50

Postais Ilustrados Escotistas. Edições inglesas..... 1$50

Revista brasileira «ALERTA!...»

Avulso..... 3$00
Assinatura anual..... 18$00

EM DAMÃO

O Grupo n.º 111 dos Escoteiros de Portugal

Saudou o Sr. Ministro do Ultramar

Em 28 de Abril passado, quando o Sr. Ministro do Ultramar desembarcou em Damão, enquanto as velhas bombardas dos fortes de Damão Grande e Damão Pequeno salvavam, era ali aguardado por enorme multidão, autoridades civis e militares, Mocidade Portuguesa, bem como pelo Grupo n.º 111 dos Escoteiros de Portugal, da comunidade Aga Khan, que tocou «A Portuguesa» em pífaros e tambores e saudou aquele membro do Governo.

O Grupo n.º 111 tomou depois parte no desfile que se organizou até à Câmara Municipal, onde foram apresentadas as boas-vindas ao Sr. Comandante Sarmento Rodrigues.

• • o • •

ALCOOLISMO

O «Sempre Pronto» acaba de publicar em separata a importante conferência que sob este título pronunciou em 9 de Março findo o Sr. Dr. Ayres Serrano e Silva.

Achamos que este trabalho merece ser divulgado e parece que todos os grupos de escoteiros o devem possuir para o fazer chegar às mãos de todas as vítimas do álcool, para que a tempo sejam prevenidos do perigo que correm. Será uma verdadeira boa acção este acto.

O preço de cada exemplar é Esc. 1$50 e serão feitos descontos para quantidades.

Os pedidos podem ser feitos para a nossa redacção por escrito ou pelos telefones 36607 e 38849.

• • o • •

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

No dia 4 do corrente realizou-se no Ateneu Comercial de Lisboa um chá de confraternização da Fraternal. Foram trocadas impressões acerca da acção deste organismo de Antigos Escoteiros, de forma a dar início às suas actividades.

A Direcção da Fraternal reuniu num dos últimos dias para dar execução às sugestões feitas nesta reunião.

No próximo número referir-nos-emos mais pormenorizadamente a este chá e ao que nele se tratou.

ROMAGEM A FRANÇA

dos Antigos Combatentes da Grande Guerra

Por ocasião do 22 de Abril último, data em que se comemoram em França, as grandes batalhas do Norte daquele país na primeira grande guerra, onde o esforço dos portugueses teve tão grande e heróico papel, deslocaram-se este ano novamente em Romagem às campas dos seus companheiros que caíram no cumprimento do Dever, um representativo grupo de antigos combatentes.

Os portugueses foram, mais uma vez, recebidos com grandes manifestações de simpatia, repetindo-se as demonstrações de afecto por Portugal e de reconhecimento pela contribuição dos soldados portugueses na luta pela libertação da França em 1918.

• • o • •

Tomou posse o Presidente da Direcção do Grupo 94

No passado dia 17 de Abril, na sede do Grupo 94, realizou-se a cerimónia da posse do novo Presidente da Direcção do Grupo 94, Rev. Sr. Carlos Augusto de Vasconcelos, que foi presidida pelo Sr. Eduardo Ribeiro, em representação do Rev. Sr. L. Wright.

O nosso Director referiu-se à dedicação do Presidente cessante, Rev. Joaquim Rosa Baptista, que há 18 anos desempenhava o seu cargo e enalteceu as qualidades do Rev. Carlos Augusto Vasconcelos. Este, após ter tomado posse, prometeu o maior interesse pelo grupo 94 e disse que se esforçaria por se tornar digno continuador da obra que com tanto carinho o Rev. Rosa Baptista vinha desempenhando.

O Chefe do Grupo, Sr. Capitolino de Macedo, referiu-se também ao acto, expressando a sua confiança no patrocínio do Presidente e restantes membros da Direcção.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto — Em 27 de Março último faleceu em Gaia a Sr.ª D. Josefa Campos Araújo, esposa dedicada do nosso estimado assinante Sr. Rev. Armando Pereira de Araújo, e sogra do nosso camarada Sr. Arnaldo Eduardo Couto, antigo delegado do nosso Jornal e Chefe do Grupo n.º 91 dos Escoteiros de Portugal.

A toda a família enlutada, em particular a estes nossos caros amigos, o «Sempre Pronto» apresenta sinceras condolências.

● *Nascimentos* — Encontra-se de parabéns o nosso caro amigo Sr. Almerindo Gonçalves Fernandes, antigo-escoteiro do Grupo n.º 2, e sua Esposa, pelo nascimento em 24 de Abril p. p. do seu primeiro filho.

O «Sempre Pronto» formula sinceros votos de muitas venturas ao risonho bébé.



Novo Grupo

IIII

O Grupo N.º 10 recentemente fundado

IIII

(Ver notícia na 2.ª página)

inicia à voz de «ordinário *marche*» ou «em frente *marche*» e termina à voz de «alto»

A vara em marcha transporta-se horizontalmente.

Para uma deslocação mais rápida os escoteiros marcham em «acelerado» ou em «passo de escoteiro». No primeiro caso, à voz de prevenção «acelerado» :

1.º dobram os braços pelo cotovelo ;

2.º fecham as mãos, que devem ficar à altura do peito.

À voz de execução *marche*, rompem a marcha em corrida cadenciada.

Em acelerado, a vara segura-se obliquamente.

O «passo de escoteiro» consiste na sucessão alternada de 20 passos em ordinário e 20 passos em acelerado.

Sempre que o escoteiro marche com outros camaradas deve levar o «passo certo», isto é, avançar com o pé esquerdo ao mesmo tempo que os demais. Quando assim não suceder deverá trocar o passo, movimento que consiste em retardar o andamento, ou melhor dar um pequeno salto, mantendo os pés na mesma posição.

Em marcha à-vontade, a vara pode ser suspensa do ombro por uma correia ou cordão, podendo ser utilizado o cordão de apito.

Quando debaixo de forma o escoteiro necessitar de abandonar a vara, à voz de «deitar *vara*», colocá-la-á no chão, à sua frente, perpendicularmente, flectindo o joelho direito, estendendo a perna esquerda e voltando logo de seguida à posição de sentido.

FORMATURAS

Em todas as formaturas deve ser respeitada a constituição das patrulhas, cuja unidade deve ser mantida. Exceptua-se o caso em que estas se apresentem com menos de 6 escoteiros, em que serão reforçadas com elementos de outras patrulhas que estejam nas mesmas circunstâncias.

Os escoteiros de uma formatura formam a uma ou duas fileiras. As figuras explicam como se efectuam estas formaturas, bem como os lugares que devem ocupar o guia

(n.º 1) e o subguia (n.º 2) e o número que corresponde a cada escoteiro.

Para «passar da fila simples à dupla» os números pares dão dois passos à retaguarda seguidos de um passo lateral à direita (3 tempos). A voz é : *em duas fileiras;* **marche.**

O movimento inverso executa-se à voz : *em uma fileira*, **marche.**

As patrulhas de um grupo formam em linha ou em coluna, conforme se pode verificar nos esquemas.

A direcção da patrulha em formatura pertence ao guia e, na sua ausência, ao subguia.

DESFILES

A patrulha pode marchar a um de fundo (fila indiana), a dois de fundo ou em linha a duas fileiras.

Em marcha, para passar da fila indiana a dois de fundo, *(a dois formar)*, basta que os números pares se coloquem à direita dos ímpares, encurtando estes ligeiramente o passo.

Para passar de dois de fundo à linha a duas fileiras, (em linha) o guia marca passo e os n.os 3, 5 e 7 marcham obliquamente para a esquerda, alinhando por ele. Os n.os 2, 4, 6 e 8 acompanham o movimento e vão postar-se na rectaguarda dos números que lhes correspondem.

Da linha a duas fileiras para a dois de fundo, passa-se executando : *direita* **volver**, *esquerda* **rodar**.

O grupo marcha com as suas patrulhas a dois de fundo ou em linha a duas fileiras. As patrulhas colocam-se atrás umas das outras (coluna de patrulhas).

Durante a marcha, é o guia o elemento que serve de referência para o alinhamento. O escoteiro alinha sempre pelo que está a sua direita.

Em parada, o escoteiro deve pôr o maior cuidado na sua apresentação, sempre atento à formatura e às vozes do chefe.

À voz de reunir, as patrulhas devem correr imediatamente a ocupar os seus lugares. Entra-se na formatura em posição de *sentido* e passa-se imediatamente à posição de *descansar*.

3 — Exercícios de Ginástica — Saber a sua explicação

A preocupação dominante do escoteiro é estar «sempre pronto». Só está «sempre pronto» quem sente uma disposição permanente de servir o seu semelhante, a comunidade onde vive e, além disso, está preparado e habilitado a prestar serviço no momento oportuno.

O escoteiro, que sente o desejo de ser útil, tem de ter um particular cuidado com a sua saúde e robustez, não vá a deficiência de uma ou de outra diminuir-lhe as possibilidades de cumprir a sua divisa em todas as circunstâncias.

Se o nosso corpo não for saudável e forte, certamente que não poderá suportar a fadiga resultante de uma corrida, de uma marcha longa ou de qualquer trabalho intenso.

Quantas vezes o escoteiro, na prática da boa acção, expressão prática da sua divisa, não tem de pôr à prova as suas capacidades físicas ?

Assim como os atletas se preparam para as competições desportivas, treinando-se, exercitando-se, evitando as bebidas alcoólicas, o tabaco e outros vícios, preparemo-nos nós também para em qualquer momento podermos corresponder às obrigações da nossa Lei e da nossa divisa.

A saúde é um tesouro que Deus nos confiou e que devemos guardar e cuidar como a coisa mais preciosa que podemos possuir.

Baden-Powell referindo-se à saúde diz:--«O ar puro e o exercício são absolutamente necessários à saúde, seja na idade do crescimento, seja quando já se é grande. Eu começo sempre os meus dias com alguns movimentos de flexão do tronco ao ar livre». A opinião de B.-P. é bastante autorizada, visto que ele gozou de saúde até quase aos 84 anos, idade do seu falecimento.

PROVAS DE PATATENRA

(3.ª CLASSE)

Condições de Admissão

a) Desenvolvimento correspondente ao tipo normal de 12 anos.

b) Autorização do encarregado de educação.

c) Não sofrer de moléstia contagiosa.

d) Ser reconhecido pelo escoteiro-chefe como tendo qualidades que permitam a sua educação sem perigo para os escoteiros.

e) Prestar as provas regulamentares adiante referidas.

f) Prestar o Compromisso de Honra.

1 — Posições de sentido e à-vontade

Na posição de **sentido** *deve-se :*

— unir os calcanhares e afastar as pontas dos pés de modo que estes formem um ângulo recto.

— apoiar o corpo igualmente sobre os membros inferiores (as pernas) completamente estendidos.

— contrair os músculos abdominais (da barriga) e procurar diminuir as curvaturas da coluna vertebral.

— endireitar o pescoço, olhar em frente, e recuar o queixo.

— estender naturalmente os braços conservando as palmas das mãos para dentro e os dedos unidos.

A vara deve assentar junto do pé direito e ficar segura naturalmente entre os dedos indicador e polegar da mão direita.

É na posição de *sentido* que se entra em formatura, devendo logo em seguida e independentemente de qualquer voz, tomar-se a posição de **à-vontade**.

Para estar correctamente na posição de à-vontade o escoteiro deve :

— afastar o pé esquerdo uns 30 centímetros para a esquerda (distância medida entre os calcanhares) distribuindo, como na posição de sentido, o peso do corpo sobre ambas as pernas,

— cruzar as mãos atrás das costas de modo que o dedo polegar da mão direita fique entre a palma e o polegar da esquerda.

Quando o escoteiro está com vara, coloca esta à frente do corpo e assente entre os dois pés, cruzando-se a mão direita sobre a esquerda para a segurar.

O alinhamento dos escoteiros formados uns ao lado dos outros mantém-se porque o pé direito conserva-se no mesmo local, quer na posição de sentido, quer na de à-vontade.

Nesta última posição, só é permitido deslocar o pé esquerdo. O pé direito mantém-se firme para que a formatura possa manter sempre o alinhamento.

2 — Evoluções de patrulha

As formaturas e desfiles não constituem actividades normais dos escoteiros. Contudo, por vezes, são necessárias e os escoteiros devem estar preparados para se apresentarem com aprumo, ordem e garbo.

As formaturas facilitam as deslocações de grandes contingentes de escoteiros, sendo mais agradável ver um grupo deslocar-se em boa ordem do que em magotes. Mesmo individualmente, o escoteiro sabe apresentar-se aprumado, cabeça levantada, passos firmes e regulares sem ar marcial, mas com dignidade.

Para o escoteiro poder tomar parte numa evolução de patrulhas, precisa de saber os seguintes exercícios preliminares:

Direita (ou esquerda) *volver* (*)

Firma-se no solo o calcanhar do pé do lado indicado, levanta-se ligeiramente a ponta do mesmo pé e roda-se

(*) *As palavras grifadas correspondem á execução dos movimentos.*

As patrulhas podem também formar em círculo. O Chefe coloca-se no centro do círculo e, girando com a mão em volta da cabeça, dá, por apito, o sinal de reunir: . — . (R).

Podem ainda formar em rectângulo, duas patrulhas a fundo, uma a cada um dos lados, ficando do outro lado o Chefe que, ao dar sinal de reunir, dobra os braços pelos cotovelos, levantando-os ao lado do corpo.

sobre o referido calcanhar e sobre a ponta do outro pé, cujo calcanhar se levantou; (1.º tempo). Em seguida (2.º tempo) reúne-se ràpidamente este pé àquele sobre o qual se realizou a rotação.

Meia volta *volver*

Procede-se como para o caso da **direita** *volver*, mas em vez do corpo fazer apenas um quarto de rotação, executa meia rotação, efectuando duas vezes o movimento de direita volver.

Oitavo direito (esquerdo) *volver*

É metade da direita ou da esquerda *volver*.

Passos laterais à direita (esquerda) *marche*

O pé do lado indicado afasta-se ràpidamente, o esquerdo vai-se-lhe juntar e assim sucessivamente até à voz de — *Alto.*

Pode indicar-se prèviamente o número de passos a executar. Exemplo: — *3 passos laterais à direita*, marche.

... passos em frente *marche*

O escoteiro bate com o pé esquerdo, avança com o pé direito e conta o primeiro passo, depois o segundo, avançando com o esquerdo e assim sucessivamente. O último pé que assenta, bate fortemente no chão.

Procede-se da mesma forma com os passos à retaguarda, mas estes devem ter de comprimento metade de cada passo em frente.

Se a deslocação tiver de se fazer para distância considerável, mandar-se-á marchar.

Na realização de todos os exercícios referidos, se o escoteiro tiver vara, à voz de prevenção (aquela que indica o exercício a efectuar), levanta-a ligeiramente do solo e assenta-se imediatamente após a execução do exercício.

A MARCHA

A marcha é uma sucessão de passos em frente que se

ESQUEMAS DAS FORMATURAS

Em linha a duas fileiras

Em linha a uma fileira

Patrulhas em linha